

# Editorial Revista Espinhaço

George Martine<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduado em Artes e Ciências pela University of Ottawa, Mestre em Sociologia pela Fordham University, Doutor em Demografia e Ecologia pela Brown University.

Caso venha a ocorrer efetivamente esse milagre inverossímil da reencarnação, eu já decidi – quero voltar como geógrafo! Quando era garoto, geografia era aquele troço maçante que me obrigava a passar horas memorizando os nomes de uma infinidade de países espalhados pelo mapa em vermelho, azul, amarelo, etc... Realizada essa façanha, era preciso recordar a localização, características e pedigree de uma porção de cidades que não significavam patavinas para mim.

Mais tarde, ao escolher uma profissão, nem passou por minha cabeça a ideia de estudar geografia na universidade. Para quê? Para depois torturar a próxima geração com os mesmos exercícios? Nem morto! Pois bem, nesses quantos anos, mudou a geografia e mudou minha perspectiva. Confesso que hoje eu gostaria de ter mais competência na versão atual desta ciência geográfica. Depois de passar décadas tentando entender algo da infinita complexidade que enreda as relações entre processos socioeconômicos, dinâmica demográfica e problemas ambientais, descubro que a geografia oferece veredas muito interessantes, particularmente quando casada com estudos demográficos. Na verdade, a Geografia é bem diferente daquilo que vivenciei na escola. Algo distante daquela coisa descritiva e compartimentada, na base da decoreba.

Como no caso das outras ciências sociais, parece que a geografia foi obrigada a se “multidisciplinar”, ou seja, a incorporar outras perspectivas e metodologias. Distingue-se em particular pela capacidade de conjugar competentemente elementos físicos e socioeconômicos. Mas sua grande vantagem, no meu entender, é que utiliza a dimensão espacial como o caldo de cultura em que se cozinham esses diversos elementos em sinestesia, em integração e harmonia, nutrindo uma melhor compreensão de eventos históricos complexos.

Nesta era de crise ecológica global, fico particularmente sensibilizado pelas vantagens inerentes à incorporação da geografia física nos estudos e na formulação de políticas ambientais, pois é fácil ver que os processos sociais precisam aprender rapidamente a respeitar os limites naturais. Este número da Revista Espinhaço ilustra muito bem, em diversas questões, e em diferentes graus de generalidade, a importância de uma agenda de pesquisa que ressalte o papel crítico do espaço.

O primeiro texto, de José Eustáquio Alves, um dos maiores articulistas brasileiros sobre questões ambientais, se fixa no âmago do grande problema global. Ou seja, argumenta que o recente crescimento econômico e populacional exponencial da humanidade está criando um impacto muito negativo na sustentabilidade dos ecossistemas. A questão de onde e como essa grande massa

populacional vai residir, produzir e consumir é obviamente fundamental na transição para o desejado modelo de estado estacionário. Apenas a título de exemplo, é óbvio que o processo de urbanização massiva em curso afetará não somente o ritmo e a composição do crescimento demográfico e econômico futuro, mas também a trajetória das ameaças ambientais, assim como as perspectivas de mitigação, adaptação e vulnerabilidade.

Os outros artigos deste número situam seus objetos de análise em nível nacional ou local e abordam uma variedade de questões empíricas onde as relações sociais e ambientais se cruzam no espaço. Utilizam mais diretamente os instrumentos geográficos que, ao facilitar a análise de situações e preocupações ambientais concretas, também ressaltam a importância da dimensão espacial no entendimento das relações sociedade/ambiente. Assim, tratando de aspectos como ciclo de vida, idade e coorte, o artigo de Marden Barbosa de Campos chama a atenção para a forma como a transição da estrutura etária da população, a ser experimentada pelo Brasil nas próximas décadas, pode ser relacionada às mudanças ambientais iminentes. O trabalho de Edvaldo Gonçalves de Amorim e Leonardo Freire de Mello discute o espaço socialmente produzido e consumido em relação a um caso concreto - a duplicação da Rodovia dos Tamoios – e seus impactos potenciais sobre as cidades deste eixo. Henrique Luis Godinho Cassol identifica uma forte correlação entre as taxas de desmatamento e as atividades agrícolas e florestais no estado do Paraná.

Igor Cavallini Johansen, Roberto Luiz do Carmo e Maria do Carmo Dias Bueno ilustram as potencialidades concretas das ferramentas do geoprocessamento e da análise espacial, analisando a influência da distribuição dos serviços de saneamento ambiental na dispersão dos casos de dengue no município de Caraguatatuba, no estado de São Paulo. Wilton Reginaldo José de Oliveira e Fernando Gomes Braga apresentam um diagnóstico da situação de risco socioambiental em que se encontram os moradores do Morro dos Piolhos em Ouro Preto, utilizando três metodologias complementares. Francine Modesto e Roberto Luiz do Carmo investigam a exposição a riscos ambientais causados pela erosão costeira na Ilha Comprida, litoral sul de São Paulo. Maria do Carmo Dias Bueno avalia métodos de desagregação de dados para gerar grades de população e sugere que a escolha da metodologia mais adequada depende dos objetivos a que se destina a grade de população, bem como da disponibilidade e qualidade dos dados auxiliares, além das características da área de estudo.

Tathiane Mayumi Anazawa, Flávia da Fonseca Feitosa e Antônio Miguel Vieira Monteiro apresentam uma análise temporal da vulnerabilidade da região litorânea que

compreende os municípios de Caraguatatuba e São Sebastião, baseada na metodologia de operacionalização do conceito de Vulnerabilidade Socioecológica apresentada por Anazawa. Ana Paula Dal'Asta, Silvana Amaral e Antônio Miguel Vieira Monteiro oferecem os resultados de uma pesquisa de campo junto a comunidades ribeirinhas do sudoeste Paraense e mostram como essas informações podem ser úteis para o planejamento de políticas públicas nesta escala. Eduardo Marandola, Cesar Marques e Luiz Tiago de Paula analisam os processos de conturbação e processos de produção de riscos ambientais no Litoral Norte do Estado de São Paulo, região muito afetada por mudanças ambientais e transformações populacionais.

Enfim, este número da revista oferece um rica combinação de temas abordando uma variedade de temas atuais nos quais os autores focalizam, cada um à sua maneira, a interação entre dinâmica populacional e sociedade em espaços concretos. Os avanços realizados com esta abordagem justificam a minha escolha profissional na próxima encarnação.